



# 80 ANOS JEEP



AVENTURAS INSPIRADAS EM HISTÓRIAS REAIS

**ESTE LIVRO É UMA CELEBRAÇÃO DOS  
80 ANOS DE JEEP E TRAZ HISTÓRIAS  
FANTÁSTICAS BASEADAS EM POSTS REAIS.**

Escrito por Cris Lisbôa  
e ilustrado por Casa Locomotiva.



↘ — 5  
**Agora sujou bem**

↘ — 19  
De lama e grinalda

↘ — 31  
**Atrás do vulcão**

↘ — 43  
“Ô abre-alas, que  
eu quero passar”



@serginhogomes



Lembro que aos domingos (todos os domingos) meu pai e alguns amigos andavam nas trilhas nas regiões de Alphaville, Cajamar, Polvilho, Santana de Parnaíba etc. E o melhor de tudo era quando meu pai me deixava na escola, no dia seguinte, com o Jeep todo sujo de barro, mas com a alma lavada. Eu descia do Jeep, e todos os meus amigos ficavam olhando e perguntando como tinha sido a trilha. Gosto tanto do Jeep que tenho até uma homenagem ao carro em meu corpo.

Jeep é mais que um carro, é um estilo de vida!!

#HistóriasJeep



## Agora sujou bem

Inspirado na história de @serginhogomes

“Agora sujou bem.” Foi o que disse meu pai quando a gente atravessou o portal que liga uma estradinha de terra escondida no interior do Brasil a Machu Picchu, que fica no alto da Cordilheira dos Andes, sabem?

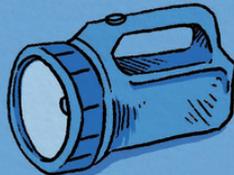
# MACHU PICCHU

A cidade perdida dos incas, que tem umas muralhas feitas de pedras gigantes encaixadas umas nas outras, tipo quebra-cabeça, sem cimento nem nada. Ouvi dizer que as ruas eram todas de ouro, mas a gente não viu nada disso.

Sim, sim, Machu Picchu, no Peru.

“Eu estive lá,  
ontem, domingo.”





A gente foi dar uma volta de Jeep.

Eu nem ia dessa vez, mas meu pai estava sem zequinha.



**Zequinha não é uma pessoa, quer dizer, é uma pessoa, mas não uma pessoa específica.**

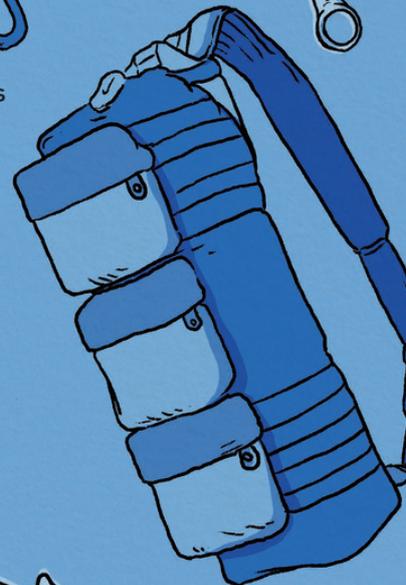
É o apelido que os jipeiros dão ao carona, aquela pessoa que vai no banco de trás, equilibrando-se entre ferramentas, cordas, cabo do guincho, barraca, galão de água, isopor, sanduíche, jaqueta impermeável com bolso, lanterna,



canivete, cinta de reboque, kit de primeiros socorros, luvas e sabe-se lá mais o quê.

É uma função de grande responsabilidade.

Por exemplo, é o zequinha que abre a porteira, mesmo quando está chovendo, que descobre qual é a profundidade da poça e tal.



Bom, voltando à história de Machu Picchu, a gente chegou lá por acaso. E eu estava de zequinha do meu pai, como faria em um domingo qualquer, vocês sabem como é. Vento na cara, os cata-ventos gigantes do parque eólico de um lado, mato do outro, uns lugares que nem existem no mapa, e a gente torcendo por um atalho que pudesse esconder uma cachoeira. Quando acabou o asfalto, todo mundo meio que gritou junto, sem combinar:

**“Começou a diversão!”.**

O Jeep ainda estava no vermelhinho original, quase sem pó, quando o pneu de um cara furou. Não teve um Jeep que não parou. Isso é de lei, mesmo que você não conheça a pessoa, tem de parar para ajudar e passar um aviso pelo *walkie-talkie* – sabem o que é um *walkie-talkie*, né? – para o pessoal esperar, porque a trilha só continua quando todos estiverem rodando de novo. E é sempre assim, juro.



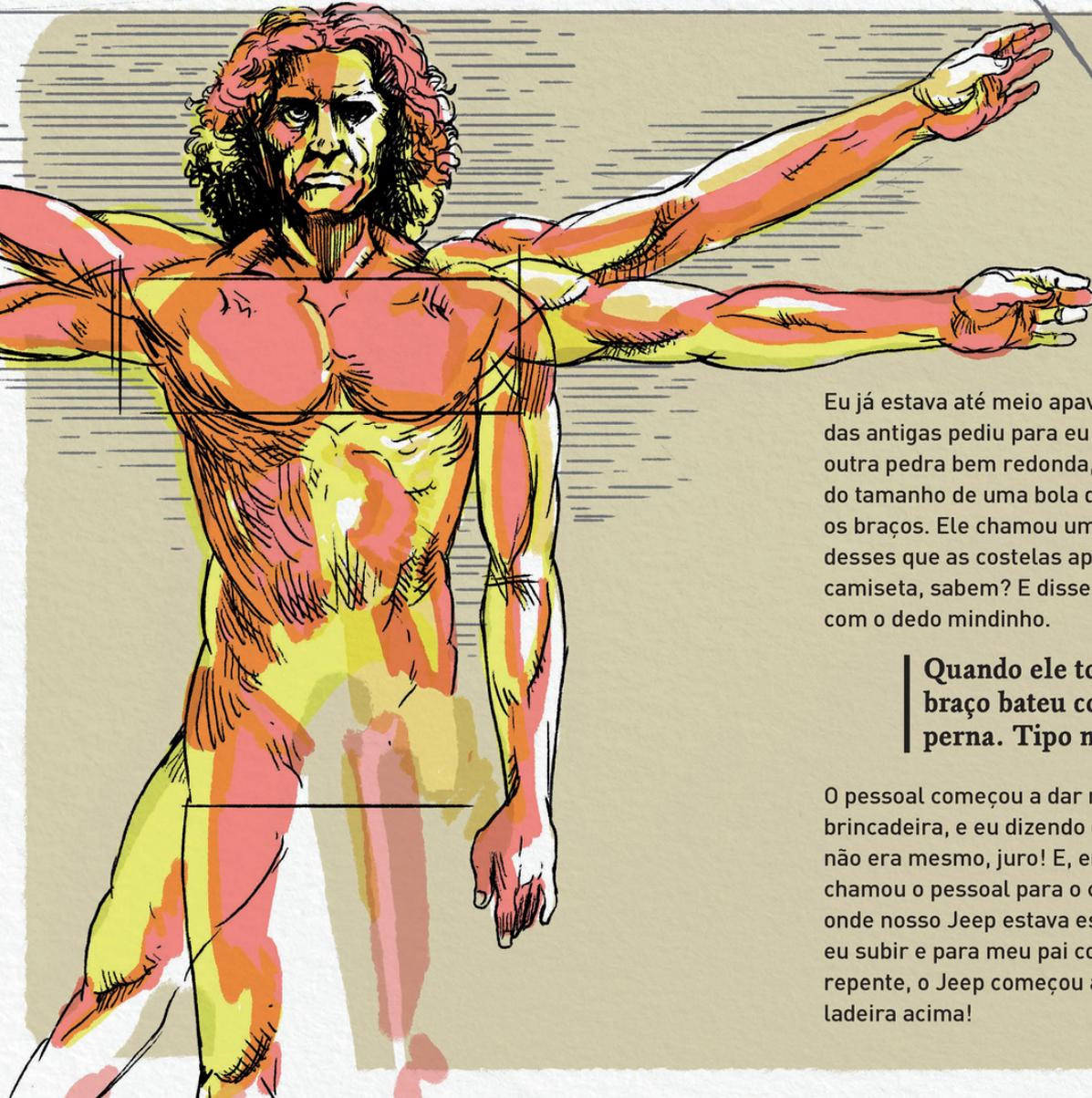
Mas, aí, a gente estava ajudando a trocar o pneu, quando vi que um cara das antigas – meu pai foi zequinha dele e tudo mais – foi afastando-se do grupo, chegando perto de umas pedras redondas, parecidas com luas cheias caídas no meio do nada. Ele tirou o celular do bolso, colocou em cima da maior delas e ficou olhando a paisagem. Então, eu fui chegando bem perto, afinal, o que tenho de teimoso, tenho de curioso. Perguntei bem na manha se estava tudo bem, e ele disse que sim, que estava só carregando o celular.

O celular dele, porém, estava em cima de uma pedra e nem estava conectado ao carregador, sabem?

Então eu ri, ele me olhou bem sério. Fez um sinal com a mão para eu chegar mais perto. Eu fui, né? Ia ficar com medinho?

**– Suba na pedra – disse ele.  
Me deu até um frio na  
espinha, mas subi.  
– Abra os braços.**

“Tá de sacanagem?”, eu não disse, mas meus olhos berraram e abri os braços. Foi quando percebi que todo mundo tinha se aproximado da pedra e estava me olhando. Meu pai fez um sinal de positivo, acho que para eu voltar a piscar, pois meus olhos estavam paralisados. O cara tentou abaixar os meus braços, mas não conseguiu. Não conseguiu! De jeito nenhum! Eu não estava fazendo força alguma, estava parado. Aí veio meu pai e também tentou. Nada! O cara que já estava com o pneu novo forçou meu braço com as duas mãos. Nada!



Eu já estava até meio apavorado quando o cara das antigas pediu para eu descer de lá e subir em outra pedra bem redonda, igual à primeira, mas do tamanho de uma bola de basquete. Subi e abri os braços. Ele chamou um menino de uns 10 anos, desses que as costelas aparecem quando tira a camiseta, sabem? E disse para ele tocar meu braço com o dedo mindinho.

**Quando ele tocou, meu braço bateu com força na perna. Tipo mágica.**

O pessoal começou a dar risada, a dizer que era brincadeira, e eu dizendo que não, não era, porque não era mesmo, juro! E, então, o cara das antigas chamou o pessoal para o comecinho da ladeira, onde nosso Jeep estava estacionado. Ele pediu para eu subir e para meu pai colocar em ponto morto. De repente, o Jeep começou a subir sozinho, ladeira acima!

Foram só uns dois minutos, até a gente sentir um solavanco. Quando olhei em volta, não reconheci mais nada. Tinha um monte de nuvem, estava difícil respirar e meio frio. Limpei meus óculos na pontinha da camiseta e, quando olhei para meu pai, ele estava com a cabeça encostada no volante enquanto passava os dedos nos olhos, como se quisesse tirar um cisco. Tinha uma lhama olhando para a gente. Meu pai deu uma buzadinha de nada, e ela saiu caminhando, sem olhar para trás, em direção a uma cidade toda de pedra. O *walkie-talkie* pulou no painel. Só não gritei porque tenho nervos de aço. O cara das antigas dizia “vire o pescoço pro lado”. Na dúvida, a gente obedeceu. Vistas assim, as montanhas pareciam formar um rosto.

### Um rosto que olha para o céu.

Outro solavanco. E a gente estava no comecinho da ladeira. O cara das antigas perguntou se estava tudo bem, e a gente querendo saber o que havia acontecido, que viagem era aquela. Ele riu.

Disse que ali era um ponto energético da Terra, o comecinho da ladeira escondia um portal entre a trilha e Machu Picchu. Por isso a energia daquele lugar era capaz de carregar e descarregar, de puxar para cima, de dar corda nas alegrias. Então ele nos mostrou o celular carregado. Meu pai deu um tapinha na minha cabeça e a gente deu no pé. Resolvemos ir até aquela cachoeira de sempre mesmo.

Eu nem ia contar nada a vocês aqui na escola. Não é sempre que eu conto tudo que acontece quando a gente sai por aí sem mapa. Vocês sabem que não sou de ficar me achando nem de ficar tirando onda com quem passa o domingo vendo TV em casa.

**Mas é que não deu tempo nem de lavar o Jeep.**



# De lama e grinalda

Inspirado na história de @cardosofabio



@cardosofabio



Amor é coisa que existe em movimento.  
Lá em casa, é de Jeep. Quando minha irmã decidiu casar, chegou na igreja de noiva e dirigindo um Jeep. Deu sorte. A minha mina fez o mesmo. Deu sorte também. Mesmo sendo casado, meu pai comprou um Jeep. Só para ser da família. #HistóriasJeep





“São 40 metros com inclinação de 30 graus e pelo menos 20 centímetros de lama em papa” – diante da ladeira, Isabel parece ouvir o avô falando naquele tom de trovão. Com um sorriso nos lábios, ela passa o cinto de segurança no vestido branco bordado com 6 mil pérolas, respira fundo, engata a ré e o Jeep obedece, satisfeito.

**Girando o volante para cá e para lá, de francesinha nas unhas, ela sobe e desce.**

O cheiro da terra vermelha invade o Jeep como se fosse uma salamandra. Ela sente o gosto de terra na boca e, pela janela, vê as velhas árvores com quase 50 metros de altura e com troncos tão largos que dez pessoas de mãos dadas não seriam suficientes para abraçá-los. Entre as árvores, macacos pulando, corujas voando, vez em quando aparece um ou outro sapinho amarelo que cabe na unha do dedo indicador e que, em segundos, mata um mamífero de grande porte. E, assim, aspirando à liberdade que apenas quem ama estrada de barro e tem graxa nas veias é capaz de sentir, Isabel segue em frente, serpenteando entre os atoleiros. Às vezes, derrapa um pouco nas pedras lisas de rio que compõem a trilha e que, por sorte, até hoje desconhecem a palavra asfalto.



Ao ouvir o som de muitos decibéis da cachoeira, Isabel sorri.

Falta pouco para chegar antes de Elisa à capelinha pouco maior que um confessionário que o avô de sua bisavó construiu com argamassa de areia, terra, cal feita de conchas trituradas e óleo de baleia.

Ao mesmo tempo que Isabel voltou para o Jeep com as pérolas encharcadas de água da cachoeira – que, em noites sem lua, brilha como se fosse aurora boreal, do outro lado –, Elisa entrou em uma curva bem a tempo de ver as árvores correndo como se as raízes fossem pés e formando um paredão intransponível.

Em situações normais,

**Elisa adoraria estar naquela situação,**

pensar em como sair, usar as ferramentas que colecionava desde sempre, torcer por uma chuva para aumentar o grau de dificuldade e melhorar a narrativa da chegada. Não aquele dia. Dia em que ela precisava chegar à capelinha caiada de branco antes de Isabel.

Quando Elisa desistiu de encontrar uma brecha naquela parede verde que segundos antes sequer estava ali, viu que o vestido branco que fora usado por sua mãe no casamento estava completamente metralhado por pelotas de barro que espirram enquanto ela acelerava.

“SOU INEXPERIENTE,  
MAS TENHO BRAÇO.”

O medo repetia no coração a frase que ela dissera ao conhecer a cunhada no Clube do Jeep, muito antes de se apaixonar pelo irmão dela, aquele que não dirige porque prefere ler nos trajetos. Talvez não fosse verdade. Antes de a primeira lágrima cair, ela ouviu um grito de socorro. Atilio, o sogro que, sem avisar ninguém, comprara um Jeep para chegar ao casamento “à altura da minha filha e da minha nora”, estava do outro lado das árvores, na areia movediça do brejo rosa – aquele que deve sua cor de chiclete à presença de microalgas ou à maldição de uma mulher metade pássaro que come o carro de quem, por desatenção, ali passar sem dizer em voz alta o nome de seu grande amor. Ela pediu que ele ficasse calmo, parasse de acelerar

e dissesse em voz alta o nome de seu amor. “Alba, Alba, Alba”, Atilio começou a repetir, enquanto Elisa corria por entre as árvores com o vestido de noiva nas mãos.



Diante daquele mesmo paredão de árvores que, sem aviso e em segundos, transformara a estrada em uma encruzilhada, Isabel, já arrependida da ideia de apostar uma corrida até a capelinha bem no dia do casamento duplo, ouviu o pai gritando o nome da mãe. Isabel correu por entre as árvores.

Quando as duas chegaram até Atílio, encontraram-no rouco e rindo.

## Exaustos, os três se sentaram na lama. Não daria tempo de chegar.

Elisa, então, pegou o vestido de noiva, que um dia fora cor de neve e agora exibia manchas castanhas, e começou a esfregar de leve, como quem lava um filhote de passarinho. Quando a sujeira se esvaiu, percebeu que o branco também se fora. O vestido rendado agora exibia o mesmo tom daquele brejo escondido no meio do nada.



Antes de ela se virar para a margem do brejo, a salva de palmas fez as araras-azuis voarem todas de uma só vez.

## **Era uma mulher de cabelo cor de fogo e asas da mesma cor das araras**

que, com um toque, desfizera a muralha e, com outro, colocara o pequeno comboio familiar de volta à estrada com o coração batendo sincronicamente.

Como, aliás, acontece com as famílias.

Horas depois, chegando à porta da capelinha cheia de gente do lado de dentro e de fora, as noivas

desceram de seus Jeeps. Uma de branco, as 6 mil pérolas cobertas de terra solta, pedrinhas e lama; outra, de rosa. As duas com o cabelo coberto de poeira, graxa nas mãos, brilho nos olhos.

Prontas para serem felizes para sempre.



# Atrás do vulcão

Inspirado na história de @GusGGar



@GusGGar



Eu estava no início da carreira e acabei fazendo a loucura de comprar um Renegade mesmo sem condições financeiras no momento. Na primeira semana após comprar o Jeep, fui com ele até uma cidade aonde não teria condições de ir sem um SUV e fechei o maior contrato da minha carreira. A razão disse "nunca", o sonho berrou "vai", o coração perguntou: "se não agora, quando?". #HistóriasJeep



“É proibido sentar-se no osso da cauda do *Tyrannosaurus rex*. Este fóssil tem 67 milhões de anos.”

## LUIZ DEU UM PULO.

Sabia com quem o sistema de som estava falando. Não tinha mais ninguém vivo naquela parte do museu. Só ele. Suando em uma temperatura de 8 °C, balançando a perna de levinho para cima e para baixo, passando o dedo indicador na lateral do dedão – um tique nervoso do qual ele não conseguia se livrar, ele estava sentado ali, onde havia escolhido ser quem era desde muito cedo. As janelas e o estômago avisavam que já passava muito da hora do almoço.

Por sorte, a certeza tinha aparecido. Aquele diploma não iria obrigá-lo a viver em um lugar fechado, ele queria sentir o vento batendo no rosto, sem saber o que esperar para depois da curva.



Queria se sentir todos os dias como no nono ano, quando pegava carona no Jeep do tio, como se não houvesse obstáculo intransponível.

Ele sabia o que fazer. Dizer não.  
E depois, sim.



**Colocou o fone  
e saiu do museu  
direto para o metrô.**

Desceu na estação que o deixaria perto da concessionária, aquela cuja vitrine ele namorava todos os dias, sempre pensando “não dá, não tenho a grana, o emprego só paga a despesa do mês, acabei de me formar, não está na hora, vou deixar para outro momento, não tem por quê”.

Na calçada, abriu o *e-mail* no celular e redigiu uma mensagem, agradecendo pela oportunidade de ser o paleontólogo chefe de pesquisa em um laboratório, mas disse que não poderia aceitar. Em seguida, entrou na loja e juntou as poucas economias que tinha a um crediário facilitado e a uma coragem que, até então, ele não sabia que possuía.



Tremendo da cabeça  
aos pés, Luiz saiu  
dirigindo um Jeep.

Seu primeiro carro,  
sua primeira aposta,  
sua primeira loucura  
absoluta.

No oitavo  
semáforo, o  
celular vibrou.

Era uma  
mensagem  
da diretora da  
faculdade. “Tem uma  
vaga para paleontólogo em um  
projeto que fica em um desfiladeiro,  
4.320 metros acima do nível do mar,  
aonde não é possível chegar de avião.

A empresa prefere quem acabou de se formar.  
O contrato é de cinco anos, e essas são as únicas  
informações fornecidas no momento. Pensei em  
você.” Algumas horas atrás, ele responderia com  
infinitas perguntas: “Onde exatamente? Que tipo  
de trabalho era? Com quem iria trabalhar?  
Por que tanto sigilo?”. Acontece que “algumas  
horas atrás” ele não estava dirigindo um sonho que  
se realizara com um pouco de loucura.

– Topo. Quando posso ir? – respondeu, sentindo mariposas revoando no estômago. As mesmas que o acompanharam pela única rota possível para chegar ao trabalho, que ele só saberia o que era quando chegasse: quase sem asfalto, com trechos que pareciam ser em espiral de tão sinuosos, subidas onde só passava um carro por vez, à beira de precipícios, sem nenhum tipo de proteção.

Um carro que não fosse 4x4 não passaria da primeira curva. Nem por florestas de cactos centenários, cordilheiras cobertas de neve, poças formadas por degelo de montanhas e estradas fervendo por estarem cheias de magma –

**a lama de fogo  
que borbulha no  
centro da Terra.**



Um mês de estrada depois, seguindo um mapa cujos pedaços recebia diariamente de filhotes de raposa que, noite após noite, dormiam no para-brisa, ele chegou a uma trilha ladeada por rochas vulcânicas que se acendiam à medida que os raios de sol as tocavam. Caminhando em falso, tropeçando aqui e ali, ele ouviu um assovio. Olhou para todos os lados e só quando sentiu uma dor fininha no joelho soube de onde era. Um homem que não devia passar de 35 centímetros, usando uma coroa que exibia nas pontas todos os planetas do sistema solar, sorria e cutucava seu joelho com uma lança feita de luz.

Sua mente duvidou, seu coração teve certeza, seu medo disse que era uma alucinação. O Jeep deu um empurrãozinho para que ele ficasse de joelhos diante de um rei.

## **E, desde então, Luiz é o protetor dos povos liliputianos de dois corações.**

Aqueles cujas ossadas ele havia estudado durante toda a faculdade para provar que, de fato, existiram e viveram na parte de trás dos vulcões em atividade. Aqueles que, nas noites sem lua, se amontoavam nas janelas do Jeep para conhecer além das fronteiras onde resistem desde que a Terra era Pangeia.





@anacristinacantarelli



Aconteceu nos anos 1960, numa cidadezinha pacata do norte do Paraná. Não havia estradas asfaltadas, e os carros de praça, nossos táxis atuais, todos da marca Jeep, ficavam nos pontos ao redor das pracinhas.

Meu pai, um dos poucos médicos da cidade, trabalhava num hospital feito de tábuas de madeira com uma garagem nos fundos, onde os casos mais urgentes eram recebidos. Lembro-me bem.

Um dia chegou um carro de praça com um caso urgente: uma mulher prestes a dar à luz. O parto foi feito ali mesmo dentro do Jeep.

Meu pai sempre foi uma pessoa espirituosa e não perdeu a oportunidade:

– Como esta criança nasceu dentro de um Jeep, por que vocês não a chamam de José Jipiano? Alguns anos se passaram e, um dia, apareceram para uma consulta uma mulher e um adolescente.

– Qual o nome da criança?

– Doutor, o senhor não lembra? O senhor mesmo deu a sugestão do nome quando fez meu parto dentro de um carro de praça. Ali estava o José Jipiano, o menino que tinha nascido dentro de um Jeep.

#HistóriasJeep



“Ô abre-alas, que eu quero passar”

Inspirado na história de @anacristinacantarelli

Nem faz tanto tempo assim. Ninguém tinha pisado a Lua, não existia celular, TV era só em preto e branco e internet era ficção científica. Nas cidades onde nem todas as ruas eram pavimentadas, crianças colecionavam estrelas cadentes, mocinhas tomavam chá de asa de borboleta, fantasmas dançavam em coretos até o amanhecer e todos se conheciam. Quando alguém conseguia vencer a estrada e chegava, ia todo mundo para a janela ver quem era, se era visita ou que diabos fazia ali.

Quando a mulher de óculos escuros e cabelo cor de tempestade chegou dirigindo um Jeep, a cidade parou. Só se ouviam sussurros de “é a irmã do fulano”, “é a filha da beltrana”,

**“é uma atriz da novela das nove”.**

Assim que ela desceu e entrou na sorveteria, pedindo uma casquinha de chocolate e querendo saber onde ficava o cânion feito de terra roxa, seu Olívio disse que não sabia, como se ele não morasse lá pertinho! Ela disse que iria acampar por ali mesmo e que, no dia seguinte, seguiria viagem.

- Estou desde o mês passado na estrada.
- Sozinha? – alguém gritou de trás de uma janela; e a mulher deu risada.



O dia seguinte era terça de Carnaval. A folia era tanta que nem seu Olívio se lembrava da forasteira. Feliz que só, estava fantasiado de Homem de Lata no meio da pracinha. Quando a Noiva gritou, quase ninguém ouviu. O Cavaleiro Mascarado, que dançava de mãos dadas com ela, começou a abrir espaço na multidão. O bebê ia nascer, eles precisavam ir para o hospital.

## ! Ninguém entendeu nada.

Enquanto a banda continuava a tocar, melindrosas a dançar com palhaços e um galo a reger a banda, o Cavaleiro Mascarado encontrou o único taxista da cidade, vestido de Rockstar e bebendo caipirinha.

Será que o bebê nasceria na praça, bem no meio do Carnaval?

Uma Odalisca avistou o tal Jeep forasteiro indo embora e correu balançando os sete véus. Em alguns minutos, voltou de carona para buscar a Noiva, o Cavaleiro Mascarado, um *sheik* e um pirata.



Muita estrada de terra e poeira depois, o Jeep chegou buzinando a plenos pulmões ao estacionamento do hospital.

### **O tom ritmado parecia um samba.**

Dr. Cantarelli – o único médico daquela cidade onde o vento realmente fazia a curva – chegou entre uma contração e outra.

– O que aconteceu? – perguntou ele à motorista.

– A Noiva está trazendo uma vida nova, doutor – respondeu ela, sem tirar os óculos escuros.

Deitada no banco, suando frio e gritando baixo, a Noiva tentava fazer a respiração cachorrinho:

“UFF-UFF-UFF”.

Ela apertou a mão do doutor com tanta força que o Cavaleiro Mascarado precisou intervir e soltar os dedos dela da mão dele, um por um. Enquanto a Odalisca e o *Sheik* tentavam tirar a Noiva de dentro do Jeep, a motorista cantava uma velha marchinha e colhia flores no jardim daquele hospital feito de madeira e fé.



Dr. Cantarelli pedia que a Noiva respirasse com ele, contando até quatro para inspirar e até oito para expirar. Na segunda tentativa, já dava para ver a cabecinha do bebê aparecendo. O Cavaleiro Mascarado – que também era o pai da criança – caiu duro no chão, feito uma jaca madura, enquanto o Pirata pulava de um lado para outro, de tão nervoso.

Quando as fadas chegaram, dr. Cantarelli nem piscou.

Pedi que uma ajudasse a mãe a fazer força e que outra fosse esterilizar a tesoura da sala de cirurgia. Então, a motorista do Jeep colocou uma coroa de flores na cabeça da Noiva e tirou os óculos, exibindo um olho amarelo e outro azul.

O menino nasceu sorrindo no exato instante em que a mãe foi coroada, e a banda passou tocando, de novo, “ô abre-alas, que eu quero passar”.

Antes de chegar ao colo da mãe, foi acariciado pelas fadas, que sussurraram palavras de alegria e toda sorte de bênçãos em seus ouvidos.





A Odalisca pegou o bebê no colo. O *Sheik* amparou a mãe. O Pirata jogou água na cara do Cavaleiro Mascarado e, enquanto a trupe carnavalesca se dirigia até o quarto da maternidade, a motorista abraçava o dr. Cantarelli, falando docuras em uma língua que ele jamais entendeu.

Depois, ela foi embora buzinando – em ritmo de Carnaval.

Já no quarto da maternidade, a Noiva, que agora era mãe, recebeu o filho nos braços para amamentar.

– Qual vai ser o nome? – dr. Cantarelli perguntou.

– Podia ser o seu, doutor – respondeu a Noiva-mãe.

– Ah, o meu não combina com um menino tão corajoso assim. Coloque José Jipiano – respondeu o dr. Cantarelli, fazendo graça, aliviado por tudo ter corrido bem e procurando as fadas com os olhos.

Toda gente riu. E o mundo ganhou José Folião Jipiano. Um menino com um olho azul e outro amarelo que, quando sorri, faz renascer a coragem, a alegria, o amor, a depender do peito.

Que sorte a nossa, não é?

## VOCÊ SABE DE ONDE SAÍRAM ESSAS HISTÓRIAS?

Esses contos foram baseados em tweets de clientes que compartilharam experiências sobre os laços afetivos com seu Jeep e como o automóvel marcou sua história.

A ação foi realizada no Twitter, para comemorar os 80 anos da Jeep.

Compartilhando a hashtag #HistóriasJeep, muitas pessoas contaram os momentos mais incríveis com seu carro, cada história virou um poema ilustrado em tempo real.

Depois, as melhores aventuras foram selecionadas para virarem histórias fantásticas e inspirarem ilustrações incríveis, compondo este livro.

**Pegue uma carona nesses  
relatos e conte também  
a história com seu Jeep.  
Compartilhe com a gente!**

# #HISTÓRIASJEEP

Os depoimentos foram revisados, apesar das características da escrita em ambiente virtual, conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



## 80 ANOS JEEP.

Só de pensar em um Jeep, milhares de histórias surgem instantaneamente na nossa cabeça. Quer ver só? Feche os olhos e imagine o seu Jeep preferido.

Posso apostar que você se viu numa trilha cheia de obstáculos, coberto de lama até a cintura. Ou desafiando a gravidade ao fazer o seu Jeep subir um paredão de pedra. Talvez em um acampamento no meio do nada, sobrevivendo por conta própria. Ou até mesmo se viu em uma ilha, pisando fundo no acelerador enquanto observa pelo retrovisor a pata gigante de um dinossauro se aproximar cada vez mais.

Viu? Seja lá o que você imaginou, isso só foi possível porque, ao longo desses 80 anos, Jeep fez parte da história de muitas pessoas, e muitas pessoas fizeram parte da história Jeep. Graças a isso, deixamos de ser apenas uma marca para nos tornarmos um ícone pop da cultura mundial.

Por isso este é um livro de aventuras fantásticas inspirado em histórias reais.

Um livro que celebra os 80 anos de Jeep.

E também os 80 anos em que você vem ajudando a fazer a nossa história.

Aproveite a jornada!